

Uma apresentação crítica de recensões / notas de leituras

António J.V. de Almeida Tomé

Professor de Geoestratégia, Geopolítica e Relações Internacionais, ULHT, Lisboa

Considero válidos como temas de interesse e valorativos para análise e eventual discussão para efeitos de interpretação e debate dos mais recentes eventos com impacto nas áreas da Sociologia, da Ciência Política, da Geoestratégia, da Geopolítica e das Relações Internacionais os textos referentes aos seguintes Autores e as respectivas obras neles tratadas:

1. Anthony Giddens, *O Mundo na Era da Globalização*.
2. Shimon Peres, *Tempo para a Guerra, Tempo para a Paz*.
3. Robert Kagan, *O Paraíso e o Poder. A América e a Europa na Nova Ordem Mundial*.
4. Ignácio Ramonet, *Guerras do século XXI, novos medos, novas ameaças*.

Dos quatro autores acima considerados nesta análise e muito embora dois deles revelem algum utopismo sobre a evolução, dinâmica e a política dos Estados, principais actores das Relações Internacionais, na constante adaptação à conjuntura internacional, cada vez mais dinâmica e mutável e também mais complexa e imprevisível devido ao carácter de grande indefinição de que se revestem algumas ameaças que tendem a condicioná-las num ambiente de grande imprevisibilidade e da aparente convergência face à dispersão dos Centros de Decisão, Giddens parece ser o mais

realista, conhecedor da dinâmica da contínua alteração da conjuntura e o que melhor revela uma realista interpretação do actual fenómeno e motor de todo o processo: a denominada globalização.

Para além da sua visão da conjuntura bastante bem estruturada, através de uma boa e aceitável interpretação do fenómeno guerra e das novas e multifacetadas ameaças, analisa os novos riscos e desafios que a mesma potenciou e seus reflexos e impactos nas sensíveis áreas da Tradição, da Família e da Democracia. Apenas peca por não definir rigorosamente o que deverá actualmente ser entendido por **Globalização**. Esta materializa e exprime o motor económico e o conjunto de processos que tornam possível a concepção, produção, distribuição e o consumo de produtos, bens, processos e de serviços, numa crescente interacção de grupos, empresas, instituições e de organizações à escala mundial. Revela-se como um fenómeno de raiz e de base informática, centrando-se no domínio da Informação/Intelligence e no Conhecimento, encontrando-se no centro da actual revolução científica e tecnológica, nomeadamente na área dos computadores, abrangente a todos os sectores; daí se verificar, em permanência a com crescente frequência, a cedência da importância do **Espaço** face ao factor **Tempo**.

Quanto ao segundo autor, Shimon Peres, apesar de apresentar a sua visão do problema israelo-palestiniano de forma realista e que procura ser isenta, discordar-se da afirmação

que faz no texto de que os extremistas palestinianos não têm propriamente os mesmos objectivos da Al-Qaeda. De facto, encontra-se comprovado documentalmente e pelas fontes de Intelligence que os três principais grupos terroristas palestinianos Hamas, Hesbolah e Jihad Islâmica se encontram estreitamente entrosados no dispositivo tentacular daquela organização terrorista, com ligações globais a grupos de base territorial do crime organizado, de máfias locais e do narcotráfico, com o estabelecimento de procedimentos solidamente definidos e segundo uma bem estabelecida e difícil de penetrar cadeia de comando, embora do tipo de actuação por células cujas ordens, procedimentos e indicações de meios evasivos fluem através de uma rede cruzada de auxílio mútuo, principalmente na campo financeiro ou de angariação de fundos e de armamentos e na área “especializada” da supressão de individualidades ou de ataques em larga escala a estruturas e a organismos dos Estados em que actuam visando, em última análise, o ataque selectivo e de atrito ao Ocidente e mesmo a destruição da sua preponderância, quiçá da sua própria existência como valor e entidade civilizacional. Com isto, este novo tipo de terrorismo transnacional visa a alteração do equilíbrio de Forças e do realinhamento dos actuais Centros de Poder em ordem à substituição do actual Sistema Internacional por outro, feito à imagem dos valores(!) que considera serem as pedras basilares da (sua) nova Ordem, da religião que professa e dos objectivos extremistas que persegue.

O terceiro autor, Kagan, coloca em evidência as diferentes concepções e visões que europeus e americanos têm do mundo e da sua mutabilidade, principalmente no que

se refere ao estabelecimento e à interpretação dos Centros de Poder que comandam as grandes decisões mundiais e à forma de resolver os grandes problemas da actualidade e do futuro. Quanto ao que denomina como descalabro europeu, concorda-se inteiramente que a actual dependência da Europa face à América se deve única e exclusivamente à acomodação, negligência, excesso de “paz e de segurança social” a que a Europa se foi habituando, em detrimento do levantamento de um dispositivo credível de Segurança e de Defesa a qual, desde a II Guerra Mundial, se “habitou” a entregar aos norte-americanos, assim “salvando” dezenas de biliões de euros que doutro modo teria de despende nos respectivos orçamentos. Ficou assim cedo comprometida e de destino incerto a sua pretensão de se tornar um credível Bloco Económico-financeiro e potente Centro de Poder a “uma só voz”, que desejavelmente deveria existir para contrabalançar a preponderância global da Superpotência, tudo agravado pela debilidade diplomática e pelos eixos internos de fractura que evidencia quanto às grandes tomadas de decisões e ainda pela fraqueza militar, nomeadamente no campo Aeroespacial, onde apenas funciona e actua como parceiro secundário face ao seu grande aliado.

Kagan evidencia as paralizantes políticas de auto-flagelação de que a Europa enferma, talvez em virtude do seu anterior passado de dominação militar em quase todo o mundo e também pelo facto de reconhecer não poder competir com o aliado transatlântico porque isso poria em causa o sistema social europeu e sobretudo o processo rotativo de ascensão ao Poder dos mesmos partidos que assim vão partilhando os benefícios e as vantagens

deste e se alternam no aparelho governativo, fazendo prevalecer prioritariamente as ambições políticas e partidárias em detrimento tantas vezes dos verdadeiros interesses nacionais. Esta terrível enfermidade e a tendência capitulacionista que vem patenteando face à chantagem do terrorismo global, como amplamente evidenciado pela irresponsável retirada das tropas espanholas do cenário iraquiano dando à Al-Qaeda o incentivo que esta persegue de que a continuação dos atentados terroristas em países pré-seleccionados é afinal compensadora, têm vindo a minar as relações euroatlânticas e a exasperar cada vez mais o aliado americano que sente, acima de tudo, a ingratidão histórica da Europa e dela tende a distanciar-se, prosseguindo a ritmo imparável os esforços em todas as áreas, nomeadamente a económica, que o colocam bem à frente da “velha Europa”. E daí, como sublinha o Autor, existir o grande perigo de os Estados Unidos e a Europa ficarem definitivamente de costas voltadas.

No final da sua reflexão, Kagan afirma que a América foi a fonte criadora do mundo actual através de uma bem delineada e programada política externa a longo prazo. Mas não revela que afinal isso só foi possível devido a Europa se ter vindo a demitir progressivamente do seu imprescindível papel cultural e civilizacional no mundo, por acção e omissão, fazendo gorar a expectativa de se poder apresentar como um forte Poder alternativo à preponderância de cariz hegemónica de Washington, assim “condenando” os Estados Unidos a exercer influência no mundo, tal como o estava a cidade-estado de Atenas no tempo de Tucídides, sec. V AC.

Finalmente Ramonet evidencia o facto de hoje os Estados já não considerarem com seu fim último a conquista territorial de outros territórios e populações, visando ampliar as suas conquistas territoriais e de populações e a submissão de populações, consideradas ou não como ameaça. Hoje os interesses dos Estados prendem-se mais com a prosperidade económica, o gerar de riqueza, a segurança social, e daí ser actualmente possível efectuar com o mínimo de sobressaltos o agrupar das Soberanias sob uma mesma égide numa União ou num grande bloco económico ou mesmo militar.

Mas a sua tendência de atribuir todos os males à globalização revela o desconhecimento de esta constituir um fenómeno inevitável devido ao fluir da marcha das civilizações, motivado pelos avanços tecnológico e científico, pela Informação/Intelligence e respectivo tratamento ao gerar conhecimento através da imediata transmissão quase em tempo real aos operadores que no terreno dela necessitam ou a quem interessa directamente. Em suma e uma vez libertado o mundo da separação forçada entre os dois blocos de influência devido à implosão da antiga URSS e verificando-se a livre circulação dos factores, dos fluxos e de pessoas e bens, tal espaço disponível foi inevitavelmente ocupado pela Superpotência sobrevivente dotado dos meios económico-financeiros e militares de vanguarda, de reconhecida liderança por incapacidade ou demissão dos seus mais directos concorrentes, e de uma estruturada política flexível conducente a uma unidade de acção em todos os domínios, a par de uma hábil diplomacia materializando uma política externa coerente, exequível e defensora do mito americano. Assim e ao afirmar que todos

estes males têm como origem comum a globalização, a que junta o neoliberalismo, Ramonet é parcial, pois apenas considera os seus inevitáveis malefícios e olvidando intencionalmente os seus comprovados benefícios, o maior dos quais a melhoria do nível de vida dos povos que dela se aperceberam e a ela em tempo útil aderiram, ao saberem explorar em seu proveito as oportunidades que entretanto se foram abrindo.

Também ao colocar em pé de igualdade, quanto aos malefícios produzidos, a globalização e o terrorismo, o autor revela desconhecer o mundo complexo e científico das Relações Internacionais. Assim, confunde objectivos, interesses e a projecção de Poder dos Estados com o fenómeno do terrorismo catastrófico transnacional ou seja, não distingue este, que actua à escala planetária, do “terrorismo de base territorial” ligado às organizações criminosas e do terrorismo ligado à guerrilha integrante aos movimentos ditos de libertação; assim como não diferencia as práticas indirectas do terrorismo de Estado daquelas mais mortíferas e mais insidiosas levadas a cabo pelo estado terrorista. Daí ainda, qualquer Estado soberano não poder aceitar que qualquer outro Estado sirva de santuário e forneça campos de treino e meios financeiros a movimentos terroristas que a partir destes lançam ataques devastadores de mortífero impacto destruidor em vidas humanas, como os suicidas, pois a razão principal para a existência do Estado será a de proporcionar em permanência aos seus cidadãos a indispensável Segurança, justiça e paz social, a estabilidade nacional e a Defesa em termos de ameaças externas.

No seguimento da suas lucubrações, Ramonet diz-se preocupado com a ascensão

de uma extrema direita a qual, segundo ele, “esconde os seus verdadeiros propósitos nos actos terroristas”! Frase confusa, tendenciosa e uma vez mais reveladora da sua parcialidade pois não explica o porquê desta sua afirmação. A sua confusão de interpretação, parcialidade ou deturpação dos factos é evidente e por isso caberá aqui perguntar: será que o terrorismo da Al-Qaeda, da ETA, da facção sunita iraquiana, entre outros, são de movimentos ou de grupos de extrema direita? E se as celas terroristas da Al-Qaeda já se encontram no interior dos Estados democráticos prontas a actuar quando chegar a ordem, não terão estes Estados soberanos e tolerantes a legitimidade de implementar as medidas que considerem mais adequadas para procurar neutralizar as acções desses terroristas?

E acaba por exprimir o impensável, de que “são os medos primários e os políticos irresponsáveis que tentam incutir nas pessoas os papões que já tinham sido desconstruídos”...! Caberá então perguntar: terão sido os devastadores massacres do 11 de Setembro de 2003 nos EUA, do 11 de Março de 2004 em Espanha e os vários e mortíferos atentados na Turquia, Arábia Saudita, no Quênia, nas Filipinas e noutras partes do mundo meros “papões” inofensivos ou coisa de somenos importância? Será que o Autor, afinal um nome de relevo, não se apercebe que insulta a memória das milhares de vítimas inocentes mortas indiscriminadamente por fanáticos suicidas só porque os que pregam o ódio e a violência em massa lhes prometeram com isso o paraíso?

Conclui-se aqui esta apresentação crítica de notas de leituras das obras dos quatro Autores. De uma forma geral e em jeito de conclusão, considera-se que se trata de

pontos de vista muito pessoais que exprimem a forma e o modo como encaram e interpretam a conjuntura internacional e os fenómenos, tendências, conflitos, riscos e ameaças que nela se desenvolvem e proliferam. Todos enfermam, com evidente destaque para o último, de maior ou menor parcialidade que, amiúde, não condiz e não se coaduna com a teoria e a prática das relações internacionais como área científica do conhecimento e com as alterações constantes da conjuntura aos níveis geopolítico e geoestratégico com incidência nos equilíbrios de Poder, na sobrevivência dos Estados e na acção dos denominados Actores secundários que actuam no Sistema internacional.